



## **INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: ESTUDO DE CASO SOBRE A CHEGANÇA EM ALAGOAS**

Jusmenne Jasão Melo da Silva (UFAL)<sup>1</sup>  
E-mail: jusmenne.silva@ichca.ufal.br

Wagner Cristian dos Santos (UFAL)<sup>2</sup>  
E-mail: wagner.cristian@ichca.ufal.br

Taynara Cristina da Silva (UFAL)<sup>3</sup>  
E-mail: taynara.silva@ichca.ufal.br

### **GT3 – PEDAGOGIAS E POÉTICAS DAS ARTES**

**Resumo:** No Brasil, existem várias formas de manifestações da cultura popular. Cada região e estado possuem seus diferentes tipos de costumes e linguagens. Essas manifestações culturais representam a herança de seus antepassados, reunindo suas tradições em um ato simbólico. Na região Nordeste, a multipluralidade é imensa, com uma cultura heterogênea e bem tradicional. Em Alagoas, não é diferente. Os folguedos são importantes para o estado, os quais tiveram início nos engenhos com as culturas lusitanas. O objetivo da pesquisa consistiu em retratar a importância do folguedo chegança como fonte de informação, memória e identidade cultural de Alagoas. Esta pesquisa teve abordagem qualitativa com procedimento de estudo de caso. Em Alagoas, concentra-se uma grande quantidade de folguedos natalinos, são eles: reisado, guerreiro, fandango, chegança, pastoril dramático, pastoril, taieiras, maracatu, baianas, quilombo e cavalgadas. A chegança representa a luta entre os mouros infiéis seguidores de Maomé com os cristãos, um auto com temática marítima. Surgiu em Alagoas entre os anos de 1927 e 1929 e foi o resultado da união de reisados alagoanos, pastoril e auto das caboclinhas. As músicas são acompanhadas por alguns instrumentos musicais, como a

---

<sup>1</sup>Estudante do curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (ICHCA-UFAL).

<sup>2</sup>Estudante do curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (ICHCA-UFAL).

<sup>3</sup>Estudante do curso de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas (ICHCA-UFAL).



rabeca, a viola e os pandeiros dos marujos. O impacto cultural proporciona uma visão de mundo diferente quando torna-se parte intrínseca do sujeito. A falta de visibilidade das manifestações tem afetado a apropriação da cultura dos folguedos populares, os quais estão em declínio, entrando no esquecimento, podendo mesmo se extinguir.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Identidade cultural. Folguedos natalinos. Chegança.

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, existem várias formas de manifestações da cultura popular. Cada região e estado possuem seus diferentes tipos de costumes e linguagens. São formas que cada um tem de se expressar, obtendo assim uma identidade cultural regional.

Essas manifestações culturais representam a herança de seus antepassados, reunindo suas tradições em um ato simbólico. Segundo Azevedo (2008, p. 3), “[...] a cultura popular é diversificada, heterogênea e heterodoxa e apresenta as mais variadas facetas e graduações nas diferentes regiões do país”. Estes tipos de cultura têm uma ligação com a oralidade, pois grande parte dessas manifestações geralmente é utilizada com cantos, recitais, poemas, enfim, uma forma de passar sua mensagem ao público.

Na região Nordeste, a multipluralidade é imensa, com uma cultura heterogênea e bem tradicional. Suas características são de etnias diferentes (indígenas, negros e europeus). Assim, suas festas são com estilos totalmente distintos, como ratifica Almeida *et al.* (2009, p. 4), no trecho a seguir:

A riqueza cultural nordestina é, pois, bastante particular e típica, apesar de extremamente variada. Sua representação vai além das manifestações folclóricas e populares. O campo da literatura, por exemplo, contribuiu em muito para a cultura da região. Nomes como Clarice Lispector, Jorge Amado, José de Alencar, Rachel de Queiróz, Ariano Suassuna, dentre outros, sem dúvida, são de extrema importância para construção de um imaginário específico sobre a região Nordeste.



Dessa forma, entende-se que as manifestações da cultura popular brasileira são típicas, particulares e diversificadas, tendo a região Nordeste como destaque nas representações dos costumes sociais, senão vejamos:

[...] o Nordeste é identificado como o local de origem da “verdadeira” cultura brasileira ou do tipo brasileiro por excelência. Cultura essa que é tão rica em sua diversidade quanto em interpretações acerca de sua existência como unidade. Em um país de tamanha extensão, a pluralidade está presente em muitos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, políticos ou culturais. (ALMEIDA *et al.*, 2009, p. 5)

Em Alagoas não poderia ser diferente. Os folguedos são importantes para o estado, os quais tiveram início nos engenhos com as culturas lusitanas, logo, foram adaptando-se com atos populares, tornando-se uma nova cultura de festas com cavalgadas, dança de coco, reisados, entre outros manifestos. Com o tempo, as culturas alagoanas deixaram de ser apenas do mundo dos engenhos e as comemorações natalinas ganharam força e expandiram-se para todo o estado. Destaque-se que tradicionalmente esses folguedos eram apresentados nas portas das igrejas na véspera de Natal.

Os folguedos natalinos alagoanos são: reisado, guerreiro, fandango, chegada, pastoril dramático, pastoril, taieiras, maracatu, baianas, quilombo e cavalgadas.

O objetivo geral da pesquisa consistiu em retratar a importância do folgado chegada como fonte de informação, memória e identidade cultural de Alagoas. Quanto aos específicos, buscou-se identificar e discorrer sobre os folguedos natalinos alagoanos, apresentar um breve histórico sobre a gênese da chegada e, por fim, parafrasear o auto marítimo.

A justificativa do trabalho se dá na contribuição com insumos para a literatura, como também na promoção e na divulgação da temática por ser pouco explorada, buscando visibilidade para as manifestações populares da cultura alagoana.



## 2. INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL

A globalização impulsiona a interculturalidade e rompe barreiras na comunicação entre os povos, estabelecendo assim interconexões entre culturas. No mundo contemporâneo, os indivíduos são caracterizados como multiculturais.

Conforme descreve Mato (1996 *apud* GARCÍA CANCLINI, c2003, p. 43), “[...] a globalização, mais do que uma ordem social ou um processo único, é resultado de múltiplos movimentos, em parte contraditórios, com resultados abertos, que implicam diversas conexões local-global e local-local”. A sociedade brasileira é majoritariamente heterogênea e multicultural; em certa medida, a fronteira foi rompida e não permanece mais limitada.

Kabengele, Coelho e Simonard (2014, p. 8) discorrem que a cultura “[...] mais do que fornecer uma visão e um relato do mundo, tem seu impacto sobre as pessoas à medida que fornece o vínculo entre o que as pessoas são intrinsecamente capazes de se tornar e o que elas realmente se tornam, uma por uma”.

Relata García Canclini (c2003, p. 108) que “[...] muitos componentes étnicos entram no patrimônio de outros grupos, através de práticas lúdicas e rituais, mas também mediante políticas culturais, passando a formar parte do seu horizonte”.

Dentro dos pressupostos teóricos de Hall (2006, p. 13), “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. E Hall (2006, p. 14) continua: “[...] as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Dessa forma, a identidade antes única do sujeito vem se tornando fragmentada em diferentes momentos.

Hall (2006) apresenta três diferentes concepções de identidades culturais: a) sujeito do Iluminismo - centrado no eu; b) sujeito sociológico - há interações, mas apenas



de acordo com suas ideias; e c) sujeito moderno - sofrem influências de ideias com quem os cercam.

A principal fonte de identidade cultural resulta da região onde nascemos, o que não impede a absorção de outras culturas. Hall (2006, p. 48) descreve o seguinte: “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”; e segue: “As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares” (HALL, 2006, p. 76).

Dessa forma, Hall (2006) apresenta três conceitos que constituem a cultura nacional, são eles: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; e a perpetuação da herança. Consequentemente, a formação de uma cultura nacional depende da absorção desses conceitos, unificando a nação com diferentes gêneros, etnias e classes.

Para Chaves (2011, p. 4), o termo folgado popular foi definido na IV Semana do Folclore Nacional, no ano de 1952, como “[...] todo fato folclórico, dramático, coletivo e com estruturação”. Sendo assim, “[...] os folgados são manifestações tradicionais que podem ser visualizados por meio das danças, músicas, costumes e lendas apresentadas em determinadas comunidades” (FARIAS; LIMA, 2014, p. 139). As manifestações culturais, através dos constantes movimentos e transformações sociais, sofrem influências sem perder a sua essência, passado de geração em geração.

A informação é uma fonte vital para a sobrevivência humana, a qual, depois de ser decodificada, agrega conhecimento. Conforme descrevem Farias e Lima (2014, p. 137), “[...] a informação passa a existir no instante de uma apropriação, mesmo que não seja consciente, mas que agregue significados aos conhecimentos dos sujeitos (re)construindo novos conhecimentos”. Assim sendo, a cultura proporciona a construção e a transformação do indivíduo mediante o conhecimento adquirido.



### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa teve abordagem qualitativa com procedimento de estudo de caso, onde buscou-se de forma ampla e detalhada documentos pertinentes à temática. Foi empregado o método de pesquisa bibliográfica, que, conforme Ludwig (2012, p. 51), é um “[...] ato de procurar, recolher, analisar, interpretar e julgar as contribuições teóricas já existentes sobre um certo assunto”, buscando entender a relevância do folguedo natalino chegança para o folclore alagoano. Dessa forma, examinou-se na literatura a fundamentação teórica dos conceitos sobre as manifestações da cultura popular. Logo, houve uma afinidade com as biografias de obras de folguedos alagoanos.

### **4. FOLGUEDOS NATALINOS EM ALAGOAS**

Em Alagoas, concentra-se uma grande quantidade de folguedos natalinos. Brandão (2003) relata que Alagoas sofreu fortes influências culturais dos estados da Bahia e de Pernambuco, dentre elas estão as festividades natalinas com uma tradição centenária. Ainda conforme Brandão (2003, p. 18), “[...] a sua história é a história da cana de açúcar, os folguedos natalinos, as danças, os autos saíram dos engenhos ou se iniciaram nos engenhos”. A gênese da maioria dos folguedos populares está intrinsecamente ligada à Península Ibérica, aos continentes europeus e ao norte da África.

A chegança representa a luta entre os mouros infiéis seguidores de Maomé com os cristãos, um auto com temática marítima, tradição bastante antiga. Conforme descreve Ayres (2014, p. 28),

[...] possui sua essência num fato dramático, histórico, coletivo e bem estruturado teatralmente, pois tem um enredo próprio, indumentárias e adereços simbólicos e cheios de significados para o desenrolar do roteiro que tem cortejo, rituais, cenários e desenvolvimento de uma peça dançada.



Ao chegar ao Brasil no início do século XIX, receberam diferentes nomes ao passar do tempo, como também a incorporação cultural de cada região. Para Oliveira (2011), o termo *chegança* é derivado de palavras náuticas, como *chegar*, que significa dobrar as velas com a chegada do navio, ou apenas chegada, no sentido de aproximação. As manifestações da *chegança* em Alagoas são tipicamente natalinas e ocorrem entre o período de 24 de dezembro e 6 de janeiro.

#### **4.1 Breve histórico sobre a *chegança* em Alagoas**

A *chegança*, segundo o folclorista Théo Brandão, é um folguedo natalino, um auto marítimo, “[...] a versão brasileira, ou melhor, nordestina das Mouriscadas (*canções dramáticas populares*) da Península Ibérica e das Danças Mouriscas<sup>4</sup> da Europa” (BRANDÃO, 2003, p. 101, grifo nosso); surgiu em Alagoas entre os anos de 1927 e 1929 e foi o resultado da união de reisados alagoanos, pastoril e auto das caboclinhas. Conforme Brandão (2003), a apresentação era realizada em uma barca feita de madeira, como pode ser observada na imagem 1 abaixo. Atualmente, a teatralização acontece em palanques comuns. Os figurantes vestem-se como a marujada com predominância das cores branco e azul, de acordo com a patente que representam, são elas: Almirante,

---

<sup>4</sup> Segundo a fonte Wikipédia, os mouros são considerados, originalmente, os povos oriundos do norte da África, praticantes do Islã, nomeadamente Marrocos, Argélia, Mauritânia e Saara Ocidental, invasores da região da Península Ibérica, Sicília, Malta e parte de França, durante a Idade Média.



Capitão de Mar e Guerra, Mestre Piloto, Mestre Patrão, Capitão Artilheiro, Calafate, Imediato, Gajeiro, Capitão de Fragata, Marinheiro e o Padre.

**Imagem 1** - Teatralização da chegada



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/737183032747433908/>

As músicas são acompanhadas por alguns instrumentos musicais, como a rabeca, a viola e os pandeiros dos marujos. As partituras são chamadas de embaixadas, onde louvam o Menino Deus, a Virgem Maria ou a Padroeira local (BRANDÃO, 2003). Interpretam os acontecimentos e dificuldades ocorridos na viagem ao mar, da partida até a chegada ao porto, como as tempestades, as discussões entre os tripulantes, o contrabando dos marinheiros, e, por fim, o ápice da teatralização: a batalha contra os mouros. Ou seja, seu enredo possui início, meio e fim.

Segundo Brandão (2003), a teatralização inicia-se chamando a atenção do povo com cânticos para contemplar o nascimento de Jesus Cristo, louvando a Virgem Maria. Após a ordem do almirante, começam a navegar e dão um viva a Bom Jesus dos



Navegantes. Mas, logo em seguida, surge uma tempestade e começa a discussão entre o contramestre e o mestre piloto, quando então intercede o almirante, acalmando a situação.

A tripulação entra de novo em desespero devido ao piloto estar bêbado. Mais uma vez, a embarcação é salva sem desmantelo. Ao descerem em terras brasileiras, dois guardas-marinhas iniciam o contrabando; denunciados pelo oficial, ficam presos no porão e clamam por salvação a nossa senhora e também ao patrão, que, com dó dos seus sofrimentos, tira-os da prisão (BRANDÃO, 2003).

Relata Brandão (2003) que acontece a última e maior disputa entre o patrão e o piloto, quando de repente o piloto é gravemente ferido pelo patrão. Não conformados com a situação, o gajeiro e o calafate chamam sua atenção. O ferido pede um padre para se confessar, mas o padre só quer saber de repreender o patrão; o agressor, indignado, o ameaça de morte.

O piloto solicita um médico, que lhe traz um remédio; a paz volta a reinar depois que o patrão recebe o perdão. A marujada avista duas embarcações e, temerosa, avisa ao comandante e todos se preparam para o combate. No entanto, os mouros só queriam oferecer as maravilhas do reino da Turquia e vão embora sem levar muita alegria (BRANDÃO, 2003).

Depois, os mouros voltam e partem para a violência num duelo de espadas com os oficiais. Após serem presos, os mouros pedem o batismo do padre e, ao receberem, dão graças aos céus pela libertação, dão adeus e vão embora (BRANDÃO, 2003).

A seguir, apresentamos, segundo Brandão (2003, p. 115), a última estrofe da canção da chegada:



“Adeus, adeus, Alagoas  
Saudades eu vou levar  
De nossa pátria querida  
De nossa terra natá  
Vamos marchá para a guerra  
E vê o má de Lisboa  
Adeus, adeus Alagoas  
Até quando eu vortá”.

Relata Brandão (2003) que a chegada estava presente em vários municípios, a exemplo de<sup>5</sup>: *Maceió, Água Branca, Anadia, Capela, Palmeira dos Índios, Pão de Açúcar, Penedo, Pilar, Porto Calvo, Porto de Pedras, Coruripe, Igreja Nova, Junqueiro, Marechal Deodoro, Mata Grande, Porto Real do Colégio, Rio Largo, Santana de Ipanema, São José da Laje, São Luís do Quitunde, São Miguel dos Campos, Traipu e Viçosa*. No entanto, ressalte-se que em muitas cidades o folguedo natalino desapareceu nas últimas décadas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização permite a abertura de diálogos entre diferentes sociedades, consequentemente, as sociedades modernas sofrem mudanças constantes, rápidas e permanentes. Ou seja, na sociedade contemporânea não existe nenhum centro, tudo está atribuído à pluralidade de culturas.

A identidade cultural é formada por várias culturas e representa a origem de seus costumes, línguas e tradições, riqueza que foi e é herdada através dos laços de diferentes

---

<sup>5</sup> As cidades grifadas em itálico permanecem com sua manifestação cultural ainda vigente nas últimas duas décadas, conforme Brandão, (2003).



povos. O impacto cultural proporciona uma visão de mundo diferente quando torna-se parte intrínseca do sujeito.

Observou-se que para o fortalecimento das manifestações culturais é necessário engajar-se na valorização da cultura local pouco conhecida e explorada. Para tal, faz-se necessário o planejamento estratégico de políticas públicas para fomentar o desenvolvimento na formação do indivíduo. Vale destacar que, em Alagoas, existe uma pluralidade enorme de tradições culturais e, em certa medida, elas podem agregar e proporcionar mudanças nos indivíduos.

Por fim, ressaltamos que a falta de visibilidade das manifestações tem afetado a apropriação da cultura dos folguedos populares, os quais estão em declínio, entrando no esquecimento, podendo mesmo se extinguir.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Leonardo Assunção Bião *et al.* Um Recorte Cultural do Nordeste: O Caso da Festa do Carmo. *In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 5.; 2009, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19376.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

AYRES, Francisco Rogers Cavalcanti. **Balé folclórico de Alagoas: 37 anos de história e os processos criativos na espetacularidade folclórica alagoana**. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014.

AZEVEDO, Ricardo. **Cultura popular, literatura e padrões culturais**. *In: Estudos: Literatura e cultura popular*. São Paulo: Ricardo Azevedo, 2008. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Cultura-popular.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

BRANDÃO, Théo. **Folguedos natalinos**. 3 ed. Maceió: UFAL, Museu Théo Brandão, 2003.



CHAVES, Wagner Neves Diniz. Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore: o espetáculo e a excelência. **XI Congresso Iberoamericano de Extensión Universitaria**. Santa Fé, Argentina, 2011. Disponível em: <https://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/archivos/ponencias/museos/completo/o-museu-theo-brandao-de-antr.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FARIAS, Mona Cleide Quirino da Silva; LIMA, Maria de Loudes. Mediações culturais e da informação no contexto dos folguedos alagoanos. **Ibersid: Revista De Sistemas De Información Y Documentación**. v. 8, p.137-141, 2014. Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/4161>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, c2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

KABENGELE, Daniela do Carmo; COELHO, Eduardo Faustino dos Santos; SIMONARD, Pedro. Trajetória de mestres de folguedos populares de Alagoas. **Educon**, Aracaju, v. 08, n. 01, p.8-12, set. 2014. Disponível em: [http://anais.educonse.com.br/2014/trajetorias\\_de\\_mestres\\_de\\_folguedos\\_populares\\_de\\_alagoas.pdf](http://anais.educonse.com.br/2014/trajetorias_de_mestres_de_folguedos_populares_de_alagoas.pdf). Acesso em: 18 jul. 2021.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de metodologia científica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOUROS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mouros&oldid=57342737>. Acesso em: 15 jul. 2021.

OLIVEIRA, Albino. Chegança. In: **Pesquisa Escolar**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2011. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/cheganca/>. Acesso em: 10 jul. 2021.